

ESCRITORA E FAVELADA: a construção da imagem de Carolina Maria de Jesus (1940-1964)

João Paulo de Souza

RESUMO:

Esta pesquisa discute a ideia de “descobrimento” de Carolina Maria de Jesus por Audálio Dantas em 1958, e analisa as narrativas estereotipadas que consolidam a autora e sua obra. Tendo como objetivo principal analisar como a imagem de Carolina Maria de Jesus foi construída desde sua primeira aparição na imprensa brasileira em 1940 até 1964, período em que a autora caiu no esquecimento midiático e apagamento literário, e tendo como principais fontes as imagens de Carolina Maria de Jesus nas notícias e no acervo jornalístico do Última Hora, será problematizada a construção estereotipada da autora como negra favelada e semianalfabeta, consolidada após a fama e publicação de seu livro “Quarto de Despejo” (1960), e que seguiu nos demais escritos da autora.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Representação; História e Literatura; História das Mulheres.

WRITER AND FAVELA RESIDENT: The Construction Of The Image Of
Carolina Maria De Jesus (1940-1964)

ABSTRACT:

This research discusses the idea of “discovery” of Carolina Maria de Jesus by Audálio Dantas in 1958, and analyzes the stereotypical narratives that consolidate the author and her work. With the main objective of analyzing how the image of Carolina Maria de Jesus was constructed since her first publication in the Brazilian press in 1940 until 1964, a period in which the author fell into media oblivion and literary erasure, and having as main sources the images of Carolina Maria de Jesus in the news and in the journalistic archive of Última Hora, the stereotypical construction of the author as a black woman from the favelas and semi-literate will be problematized, consolidated after the fame and publication of her book “Child of the Dark” (1960), and which improved in the author’s other writings.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; Representation; History and Literature; Women's History.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Introdução

Seguindo o modelo clássico de livros, com um simples pedaço de papel e um lápis (ou qualquer objeto riscante) é possível escrever um livro. E papel é o que nunca faltou para uma catadora de papéis das ruas de São Paulo. Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasceu na cidade de Sacramento/MG, mas que, em busca de melhores condições de vida, se mudou para São Paulo, em 1937, mas logo seus sonhos foram frustrados e ela teve que trabalhar como empregada doméstica, e depois teve que se mudar para a favela e viver como catadora de papéis. Lá, ficou mundialmente conhecida graças a publicação de seu primeiro livro, “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (1960), que logo se tornou um best-seller mundial por narrar as vivências pessoais de uma mulher negra, catadora de lixo, mãe de três filhos e moradora da Favela do Canindé.

Em “Quarto de Despejo”, Carolina Maria de Jesus escreve sobre si e o dia-a-dia dos favelados, destacando as barreiras que dividem o mundo das favelas e o mundo da cidade, o branco do preto, a sala de visita do quarto de despejo. Seguindo os trabalhos biográficos e da escrita da autora, como os de Tom Farias (2018), José Carlos Meihy e de R.M. Levine (1994) e de Elzira Divina Perpétua (2014) em sua escrita autobiográfica, Carolina de Jesus faz denúncia a toda exclusão e marginalização vividas diariamente por ela. Assim, temáticas como desigualdade social e racial, fome e pobreza vão se perpetuar ao longo de todo o livro. Temáticas essas que talvez vão ser os principais responsáveis por toda a fama da autora, pois a literatura de Carolina de Jesus vai servir como denúncia dos problemas sociais vivenciada pela autora, retratando um Brasil totalmente diferente do ideal de “Brasil” difundido pelo ideal desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek na época.

Nessa perspectiva, por muitos anos foi associado à ideia de que Carolina Maria de Jesus teria sido “descoberta” em 1958, pelo jornalista Audálio Dantas, que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

teria ido à Favela do Canindé realizar uma matéria para o jornal Folha da Noite, e lá conhecido Carolina de Jesus, que mostrou seus manuscritos e ele manda a autora continuar a escrever seus diários que um dia ele iria publicá-lo, o que aconteceu em 1960. Entretanto, após melhores pesquisas e estudos sobre Carolina Maria de Jesus, como os trabalhos já mencionados e os de Germana Henrique de Sousa (2012), Daniela Nascimento (2020), Raquel Nascimento (2022) e de Tatiane Santos (2022) foi possível identificar que a primeira publicação e a aparição da autora na imprensa brasileira, que se deu em 1940, em uma matéria da Folha da Manhã⁴⁷, além de outras matérias e uma sessão fotográfica, pelo jornal Última Hora, em 1952, da autora em seu barraco na Favela do Canindé.

Além disso, com todo o destaque do lançamento de “Quarto de Despejo” e fama de Carolina Maria de Jesus, a autora passou a viver também com uma série de perseguição de jornalistas e que logo associam a imagem da autora como “negra-favelada”, na qual é fortemente representada. Com isso, uma série de fotografias e notícias foram produzidas e retratadas, consolidando essa narrativa estereotipada da autora, fixando no imaginário social uma imagem depreciativa de Carolina de Jesus.

Assim, partindo do conceito de “representação” Roger Chartier (1988) e de Stuart Hall (2016), das análises de Michelle de Perrot (2017) sobre a representação feminina, e dos estudos de Peter Burke (2016) sobre os usos históricos e narrativos que as imagens contam, será analisado as diferentes imagens do acervo do Última Hora e notícias jornalísticas na qual Carolina Maria de Jesus é representada entre 1940 e 1964, construindo uma identidade múltipla e multifacetada. Enfatizando ainda, o processo de mercantilização de corpos negros e as diversas violências que seus corpos sofrem, seguindo o conceito de “corpo-fetichê” de Achille Mbembe

⁴⁷ Na edição do dia 25 de fevereiro de 1940, a edição será mais trabalhada mais pra frente.

(2018). Apontando, assim, as diferentes construções críticas e narrativas da imagem de Carolina Maria de Jesus.

A representação do outro: Carolina Maria de Jesus

Atualmente, a vida e obra de Carolina Maria de Jesus vêm sendo extremamente pesquisada, conhecida e analisada a partir de diferentes perspectivas, o que resulta em uma ressignificação da maneira como a autora foi recebida na década de 60. Ao longo do tempo, diversos pesquisadores e movimentos contribuíram para esse novo olhar que permitia a obra de Carolina de Jesus ocupar diferentes espaços na mídia e no cenário literário brasileiro, fazendo jus ao legado deixado pela autora. Mas nem sempre esse cenário positivo da autora foi estabelecido na sociedade brasileira, ao historicizar a maneira como Carolina Maria de Jesus vem sendo representada ao longo dos anos é possível perceber que por muitos anos foi-se construída uma visão negativa e estereotipada da autora, que se fixou no imaginário popular e consolidou toda a carreira da autora.

Segundo Stuart Hall (2016), as representações estão relacionadas à produção de sentidos pela linguagem, ou seja, ao modo como damos significados e sentidos às coisas, sejam elas sonoras, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais ou até objetos. Assim, em uma representação

usamos signos, organizados em linguagens de diferentes tipos, para nos comunicar inteligivelmente com os outros. Linguagens podem usar signos para simbolizar, indicar ou referenciar objetos, pessoas e eventos no chamado mundo “real”. Entretanto, (...) o mundo não é precisamente refletido, ou de alguma outra forma, no espelho da linguagem: ela não funciona como um espelho [do real]. O sentido é produzido dentro da linguagem, dentro e por meio de vários sistemas representacionais que, por conveniência, nós chamamos de “linguagens”. O sentido é produzido pela prática, pelo trabalho, da representação. Ele é construído pela prática significante, isto é, aquela que produz sentidos. (HALL, 2016, p.53-54).

Nessa mesma perspectiva, Roger Chartier (1988) desenvolveu a ideia de uma realidade social construída com base nesse “mundo das representações”, em

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

que discursos de diferentes lugares e momentos representativos são pensados, construídos, e dadas para figurar o real. Entretanto, essas percepções do social não são de modo algum discursos neutros, pois elas produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) “que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. (CHARTIER, 1988, p.17).

Nessa perspectiva, ao analisar os discursos e fotografias na qual Carolina Maria de Jesus foi representada nas notícias e matérias jornalísticas ao longo de sua vida, é possível perceber que se foi construída a imagem estereotipada da autora sempre representando-a como uma mulher negra, favelada e semianalfabeta, e é nessas características em que toda sua obra é consolidada mundialmente. Assim, Raquel Nascimento (2022) enfatiza que é possível perceber a existência de duas narrativas distintas na midiatização da figura de Carolina Maria de Jesus: de 1940 a 1958, é construída uma imagem de “poetiza preta”, associando a autora a livros e apresentando ela como escritora e poetisa; enquanto a segunda narrativa, construída a partir de 1958, é de uma negra, favelada e pobre, em que até a autoria de seus escritos são questionados pelo imaginário da época, que duvidava que uma mulher negra e moradora da favela fosse capaz de saber ler ou escrever.

Foi necessário tomar uma parte dele que coubesse naquela (nesta?) sociedade de valores classistas, racistas, academicistas, elitistas, em que a literatura não poderia ser pertença de uma mulher negra, pobre e autodidata. Era necessário enquadrá-la, ou emparedá-la (...), em uma tríade que destrói todos seus "outros eus" (...): negra, favelada, semianalfabeta (NASCIMENTO, 2022, p.30).

Nesse sentido, acaba-se por criar uma hierarquização de sujeitos, e, como aponta Beatriz Nascimento (2021, p.57), em uma sociedade hierarquizada por classes, existem um mecanismo de seleção que irá selecionar as pessoas que ocupam esses espaços, por meio de uma estrutura de dominação, em que tanto os critérios raciais quanto de gênero são tidos como critérios de seleção. Segundo Lélia Gonzalez (2019), isso acaba por criar uma relação entre grupos dominados e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

dominadores, em que o racismo e a discriminação “se constitui como sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, (...) sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (GONZALEZ, 2019, p. 288).

Assim, ao se estudar sobre Carolina Maria de Jesus e analisar a representação do corpo da mulher negra na sociedade brasileira, é possível perceber um o uso de um discurso bastante difundida nas mídias da época, criando uma espécie de “fetiche”, que reforçavam estereótipos e a discriminação de raça e gênero. Para isso, Achille Mbembe (2018), destaca o processo de mercantilização de corpos negros e as diversas violências que seus corpos sofreram e continuam a sofrer até hoje. Nisso, o pesquisador camaronês desenvolve a ideia de “corpo-fetiche”, em que é possível analisar a representação de corpos que são constantemente venerados e realimentados, em uma repetição que acaba por criar uma narrativa sobre esse sujeito, na maioria das vezes de forma estereotipada e degenerativa. Sendo possível, “experimentar uma perda identitária que autoriza a possessão. É submeter-se à violência do fetiche que nos possui, e pela mediação do fetiche, viver um gozo não simbolizável” (MBEMBE, 2018, p. 89).

Além disso, a maneira como ocorre essa construção estereotipada e até a descredibilização da capacidade literária de Carolina de Jesus, parte muito da construção simbólica da figura masculina enquanto dominante (SCOTT, 1992). Seguindo as proposições de Pierre Bourdieu (2002), é possível perceber como a construção social dos papéis de gênero no mundo ocidental foi fixando a mulher em um lugar inferiorizado e subalterno, enquanto criava uma construção de superioridade que privilegia e legitima o papel e lugar dos homens como um aspecto natural.

Além disso, Michelle Perrot (2017) defende que as mulheres são imaginadas e representadas ao invés de serem descritas e contadas. Com isso, quando mulheres

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

aparecem no espaço público, os observadores (homens) ficam desconcertados, e usam-se de estereótipos para designá-las e desqualificá-las, manifestando-as com qualidades de mães, de dona-de-casa e guardiã dos víveres (PERROT, 2017, p.21). Assim, essas imagens produzidas pelos homens nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos deles do que sobre as mulheres que eles representam.

Os usos e abusos da imagem de Carolina Maria de Jesus

Por muitos anos foi associado à ideia de que Carolina Maria de Jesus teria sido “descoberta” em 1958, pelo jornalista Audálio Dantas, que teria ido à Favela do Canindé realizar uma matéria para o jornal Folha da Noite, e lá conhecido Carolina de Jesus, que mostrou seus manuscritos e ele manda a autora continuar a escrever seus diários que um dia ele iria publicá-lo, como aconteceu em 1960. Entretanto, após pesquisas e estudos mais profundos sobre Carolina Maria de Jesus, foi possível identificar que a primeira publicação e a aparição da autora na imprensa brasileira se deu em 25 de fevereiro de 1940, em uma matéria da Folha da Manhã, em que a autora publica seu primeiro poema “O colono e o fazendeiro”.

Figura 1- Reportagem de Willy Aureli “Carolina Maria, poetiza preta”



Fonte: Folha da manhã de 25 de fevereiro de 1940. Disponível no Acervo Folha.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Ao analisar a imagem presente na reportagem vemos o repórter Willy Aureli com a jovem Carolina Maria de Jesus em sua primeira aparição na imprensa brasileira. É possível perceber que nessa primeira fotografia a autora aparece usando vestido arrumado, com a expressão de felicidade no rosto, seja pelo sorriso ou pelo olhar direto para a câmera, e cabelos crespos à mostra. A manchete da notícia associa “Carolina Maria” a figura de escritora, a “poetiza”, como a própria autora se definia, além de fotografá-la com um livro à sua frente na mesa, embaixo de suas mãos.

Entretanto, a presença de Carolina de Jesus no jornal é marcada por uma questão racial e de gênero, assinalada logo no título com o “poetiza preta”, e que irá se desenvolver ao longo do texto da reportagem. A presença da escritora na redação do jornal gera um grande sentimento de pavor, constrangimento e desaprovação no jornalista, como se fosse um absurdo a presença de Carolina de Jesus lá, como se não deveria ter acontecido. O Aureli escreve logo no início da matéria:

Sabbado, por exemplo, apareceu uma poetiza. É bom que os leitores saibam: os jornalistas têm verdadeiro pavor às mulheres metidas a literatas, poetizas, declamadoras! Portanto, à voz de que uma fazedora de versos estava à espera de ser recebida produziu um vácuo imediato (FOLHA DA MANHÃ, 1940, p.03).

Nesse sentido, Tatiane Santos (2022) destaca os obstáculos à produção e difusão da literatura de autoria feminina, e que, as poucas mulheres que se atreviam a adentrar esse ambiente literário da década de 1940 não eram reconhecidas como escritoras, e sim como “metidas a literatas” (SANTOS, 2022, p.23). E, além disso, Carolina Maria de Jesus, era duplamente rejeitada por ser uma negra de pele retinta, ao longo da notícia, a autora fala como ela anda “pelas redações, e quando sabem que sou preta mandam dizer que não estão”. Aureli ainda trata a autora como se fosse um “caso exótico”, descrevendo-a como “bello espécime de mulher negra”, e usando expressões como “não há a menor fanfarronice ou gabolice, tão própria dos pretos pernósticos” (FOLHA DA MANHÃ, 1940, p.03).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Apesar de muita rejeição, ao longo dos anos Carolina de Jesus não desistiu dos seus sonhos de ser escritora, mesmo com os diversos obstáculos que a negavam sempre, e foi aperfeiçoando sua escrita e tentando encontrar espaços para a publicação de seus textos. A pesquisadora Elena Pájaro Peres (2016), menciona uma dessas tentativas:

Muito antes ainda de conhecer Audálio Dantas, Carolina procurou em 1952 a redação do jornal Última Hora de São Paulo, levando novamente algumas de suas poesias manuscritas em cadernos. Deixou-as com os repórteres juntamente com a anotação de seu endereço. Alguns dias depois, intrigados, eles foram procurá-la e a encontraram na favela do Canindé. Essa visita rendeu uma reportagem de página inteira intitulada “Carolina, a poetisa negra do Canindé”, onde ela, em entrevista, revelava a apurada consciência que tinha da literatura como profissão e das dificuldades que teria para ser reconhecida como escritora: “Sempre fui pobre, mas sempre procurei estudar. O meu sonho era viver do meu trabalho, dos meus escritos. Gostaria de escrever para o teatro. Ou para o rádio. Tenho várias novelas prontas. Mas há uma barreira que eu jamais pude transpor...” (PERES, 2016, p.95).

Além disso, essa visita em 1952 deixou alguns registros fotográficos que atualmente estão disponíveis no acervo iconográfico do jornal Última Hora, disponível digitalmente no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ao analisar essas imagens, percebe-se que muitas dessas fotos foram arquivadas⁴⁸, e que seu registro possibilita reafirmar a construção de imagem que segundo Raquel Nascimento (2022) marca o período entre 1940-1958, e a maneira como Carolina de Jesus é representada, sem os estereótipos clássicos de negra-favelada. As fotografias de 1952 foram tiradas no barraco da autora na Favela do Canindé, mas ainda assim não usa esse cenário como aspecto característico da autora.

⁴⁸ Essa informação está contida em forma de carimbo no verso das fotografias disponibilizadas pelo APESP. Ao procurar notícias pelas edições do jornal de 1952, não encontrei nenhuma que menciona a autora nem usassem as fotografias, então acredito que essas imagens não chegaram a ser publicadas naquele ano pelo Última Hora.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

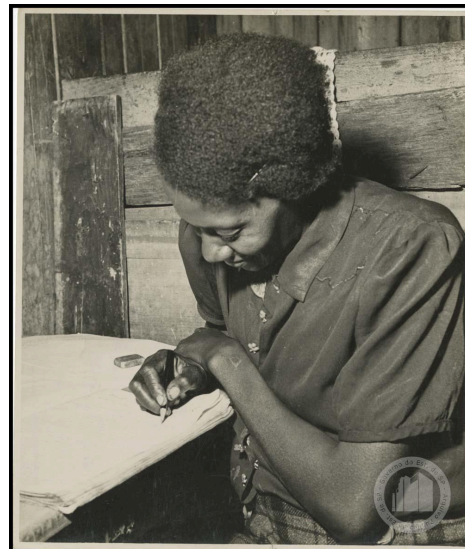
desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 2 - Carolina de Jesus em 1952.



Fonte: Disponível no APESP.

Figura 3 - Carolina de Jesus em 1952.



Fonte: Disponível no APESP.

Em ambas as fotos a autora aparece nas mesmas características em que apareceu na notícia da Folha da Manhã de 1940, apesar de estarem em locais e situações totalmente diferentes. Entretanto, a autora ainda é representação bem vestida, com os cabelos crespos à mostra e com expressões de felicidades e emoção no rosto, além de ainda ser retratada ao lado de livros e papéis, enquanto na outra imagem ela está escrevendo. Partindo dos estudos de Peter Burke (2017) de que ao analisar imagens como fontes, é necessário ter em mente que os “modelos” provavelmente estivessem expressando o seu melhor comportamento, assim as fotografias não são exatamente um equivalente de um olhar de “câmera inocente”, e sim, um registro de “apresentação do eu”, um processo na qual o artista e o modelo geralmente se fazem cúmplices (BURKE, 2017, p.45).

Assim, essa representação do “eu” também segue os interesses da maneira como Carolina de Jesus queria ser retratada, ela queria ser escritora, até para dar força às publicações que ela vinha fazendo na imprensa. Farias (2018), resgata as publicações e entrevistas que a autora deu nesse período inicial de sua carreira

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

político-literária⁴⁹, que “tinham alguma coisa de improvisado, de factual, de condoreiro, de repentismo ingênuo ou puro, muito em voga entre os cantadores do Nordeste” (FARIAS, 2018, p.126).

Com isso, apesar de tudo parecer uma grande encenação para o click, ao analisar outras fotos desse mesmo ano, disponíveis no acervo do APESP⁵⁰, em nenhuma outra fotografia Carolina de Jesus deste ano a autora é representada carregando os estereótipos de negra-favelada, pobre e semianalfabeta, ocupando o lugar de não-pertencimento a literatura. Nessas outras imagens de 1952, a autora ainda é representada em sua condição de mulher, como as descritas por Michelle Perrot (2017) anteriormente, associando Carolina de Jesus à maternidade e a serviços da casa e da cozinha.

Apenas depois de 20 anos da primeira aparição de Carolina Maria de Jesus que ela vai conseguir publicar seu primeiro livro, intitulado “Quarto de Despejo: diário de uma escritora favelada” (1960), lançamento este que é acompanhado de grande sucesso da autora e perseguição jornalística. Sucesso esse que leva a autora a ocupar o lugar de estereótipos que a vai consolidar como autora internacionalmente conhecida. Mas a construção dessa imagem de Carolina de Jesus começa a partir de 1958, quando Audálio Dantas reapresenta a autora e publica na Folha da Noite, sob a manchete “O drama da favela escrito por uma favelada: Carolina Maria de Jesus faz um retrato sem retoque do mundo sórdido em que vive”, em que já começa a ser veiculada ao público a imagem de uma “escritora” sofrida e da favela.

⁴⁹ Há registros de publicações e entrevistas com Carolina de Jesus nos jornais: *A Noite* (RJ), em 09 de janeiro de 1942; *Época* (SP), em 27 de maio de 1950; *O Dia* (SP); *O Defensor* (SP) publicado em 17 de junho de 1950 e etc. Ver mais em: FARIAS, Tom. ***Carolina: Uma Biografia***. Ed. Malê. Rio de Janeiro. 2018. p.118-134.

⁵⁰ Até o dia 08 de novembro de 2024, o acervo do Última Hora no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), tinha 76 fotos de Carolina Maria de Jesus, datada entre os anos de 1952 a 1964, em que 11 fotos são de 1952; 34 fotos de 1960; 11 fotos de 1961; 4 fotos de 1962; 8 fotos de 1963; e 8 fotos de 1964. Para acessar o acervo, está disponível em: https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/iconografico/acervo_iconografico

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 4 - Reportagem “O drama da favela escrito por uma favelada” de Audálio Dantas



Fonte: Recorte da Folha da Noite de 09 de maio de 1958. Disponível no Acervo Folha.

Sob os estereótipos de “negra, favelada, semianalfabeta”, a autora já aparece com seus cabelos escondidos pela touca na cabeça - elemento este que iria se consolidar como marca da autora a partir de então -, além de estar vinculada com sua situação de pobreza e miséria. A partir de 1958, a representação de Carolina de Jesus ganha um cenário da pobreza da favela, como nos barracos de madeiras e outros restos de objetivos; e na miséria de admiração do alimento no fogão, enquanto seus filhos aguardam para comer, ou na leitura dos “livros velhos achados no lixo”, afinal “tudo serve para ela, revistas, almanaques, dicionários”⁵¹ (FOLHA DA NOITE, 1958, p.09). Já nessa publicação, a autora publica alguns trechos de seus diários que em 1960 seria publicado em “Quarto de Despejo”.

Além disso, é possível perceber como o corpo da autora é representado, coberto em várias camadas, assim como seus cabelos, deixando apenas o rosto e as mãos expostas. Tatiane Santos (2022) aponta para como os textos jornalísticos que

⁵¹ Descrições das imagens publicadas na segunda metade da notícia do jornal da noite de 1958.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

abordam a obra literária da escritora começam a tentar apagar sua obra, bem como o seu corpo, por meio de interdiscursos de diferentes tons ao longo das reportagens, que perpetuam as ideologias dominantes. Pode-se notar o uso repetitivo de “termos semelhantes, repetições de enunciados, de expressões e fotografias no conjunto do corpus selecionado, os quais constroem uma imagem que tenta levar a escritora para fora do círculo literário” (SANTOS, 2022, p.62).

A partir de então, o público começa a se preparar para receber uma autora incompleta, revelada em uma personagem que, por transitar entre o real e o criado, poderia ser o que a sociedade, o jornalista e o público precisavam naquele momento (NASCIMENTO, 2022, p.31). Para a pesquisadora Elzira Perpétua (2014), Audálio Dantas interferiu na construção de uma imagem de Carolina de Jesus relacionada a objetivos específicos e bem delimitados com relação ao livro, para a figuração de uma escritora popular. Assim,

o reconhecimento como autora de literatura e, portanto, "poetisa preta" - não parece ter sido muito assimilado pela sociedade e, vinte anos depois, abriu espaço para a "escritora favelada" e para uma leitura sociológica de seu texto, devido a uma possível lacuna gerada pelas discussões sociológicas difundidas naqueles anos. Esse fato poderia explicar o interesse para além das fronteiras brasileiras, pois apresenta uma face moldada da autora que parece ter mostrado o que as várias partes do mundo que a receberam queriam ver e tinham capacidade de aceitar em seus contextos literários (NASCIMENTO, 2022, p.33-34).

Assim, a associação a imagem de “negra-favelada” fixava no imaginário social, o que vai fazer com que essa reprodução estereotipa permaneça e seja mundialmente exportada para a venda dos livros em outras línguas. Assim, permanece a representação degenerativa da autora, nos anos seguintes de sua fama, e que vai até acompanhar até o apagamento e silenciamento da autora, que se inicia já em 1961, mas se consolida em 1964, com a ditadura civil-militar brasileira.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 5 - Carolina de Jesus em sua casa nova 1962



Fonte: Disponível no APESP. 25 de dezembro de 1960. Fotografada por Nascimento.

Figura 6 - Carolina de Jesus em 1962



Fonte: Disponível no APESP. 1962. Fotografada por Nascimento.

Assim que Carolina de Jesus deixa a Favela do Canindé e vai morar em sua casa na cidade, saindo do “quarto de despejo” e indo para a “sala de visitas”, a autora passa a ser representada como deslocada do local em que estava agora, como se fosse uma peça que não se encaixasse naquela nova realidade. Essa reprodução é possível de ser analisada em uma das fotos tiradas, no natal de 1960, já na casa nova (figura 6), em que se vê a autora olhando para fora da janela, com olhar de saudade da vida em que vivia na favela. Como se ela estivesse arrependida de ter deixado sua vida e seus iguais para trás.

Essa ideia de lugar de não-pertencimento, ainda é perceptível em outra sessão de entrevistas (e fotos), feitas pelo jornal Última Hora em 1962 (figura 7), em que Carolina Maria de Jesus aparece totalmente perdida, sentada em uma cadeira no fundo, com a cabeça e o olhar baixo, observando, de longe, livros e cadernos que estão no chão, na sua frente. Representando que essa desconexão não é apenas do lugar físico em que vive, mas, também, “intelectual”, como se a cultura escrita não lhe pertencesse mais. Além disso, o fato de o livro e caderno estarem no brilho do

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

sol, só mostra a ideia de falsa ilusão que Carolina de Jesus teve ao acreditar que fazia parte dessa cultura letrada.

Com o click da foto, com olhar perdido e vazio, a autora “diz que renunciará à literatura, assim como Jânio Quadros à presidência”⁵². Ao que viria a se repetir com entrevista da autora dada em 1964, em que a autora já caiu totalmente no silenciamento social e político do Brasil. Por meio das fotos disponíveis no acervo do Última Hora de 1964, Carolina Maria de Jesus se muda para viver no sítio em Parelheiros, onde a autora passaria seus últimos anos da sua vida.

Mas ainda assim as representações da autora continuam no mesmo modelo, praticamente todas as fotos foram registradas com ela trabalhando em alguma coisa, carregando uma trouxa grande na cabeça; montando a cerca de seu sítio; capinando o mato, e fazendo outros trabalhos manuais. Entre essas várias andanças e mudanças de Carolina de Jesus, é possível analisar como se retrata um ideal de uma Carolina perdida, deslocada de todos os ambientes e que não consegue se adaptar.

Considerações finais

Assim, apesar de por muitos anos a imagem de Carolina Maria de Jesus ter sido associada ao seu “descobridor”, Audálio Dantas, é possível perceber como isso acabou por mudar a construção de imagem da autora, de uma relação de dominado e dominador, em um processo em que ambos iniciaram ganhando, mas que apenas um sofreu os impactos disso. Ao longo de toda a trajetória da autora, Carolina de Jesus sofreu com os efeitos dos processos de racialização na midialização de seu corpo, ao fixar um imaginário de uma “favelada que escreve” - afinal, quem imaginou que favelados sabiam escrever? - torna-se perceptível a ousadia de Carolina de Jesus em escrever um diário autobiográfico, quando escrever era um hábito restrito à elite.

⁵² Informação de um recorte de jornal do Última Hora, contida no verso da foto, com arquivo disponível na Coleção do Última Hora, no APESP.

Ao ser representada nas fotografias, a autora é retratada através de uma visibilidade estereotipada, que se encaminha para a invisibilidade, apagamento e esquecimento social. De modo geral, por meio das possibilidades que as fotografias apresentam na composição das notícias, foi possível analisar como a autora foi representada de maneira distintas, em diferentes momentos de sua vida, mas a imagem que é fixada, comercializada e importada para todo o mundo, é uma representação de uma Carolina perdida, confusa e distante da sua nova realidade; mas que ao mesmo tempo, suas escrevivências e todo seu trabalho literário nos mostra uma Carolina totalmente diferente daquela que foi construída midiaticamente.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. 1ªed - São Paulo: Editora UNESP Digital, 2017.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- FARIAS, Tom. **Carolina: Uma Biografia**. Ed. Malê. Rio de Janeiro. 2018.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p.225-244.
- HALL, STUART. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. ed.N-1 Edições. Tradução de Sebastião Nascimento. 2018.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e LEVINE, R. M. **Cinderela negra: a saga de carolina maria de jesus**. . Rio de Janeiro: Ufrj. 1994.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. (Org.) Alex Ratts. Editora Zahar. 2021

NASCIMENTO, Daniela de Almeida. **Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência**. Dissertação: UNESP. Araraquara – SP. 2020.

NASCIMENTO, Raquel Alves dos Santos. **Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha: mesma tradução, diferentes leituras - uma análise a partir dos paratextos das diversas edições sob a ótica da linguística de Corpus**. Tese (doutorado). USP- São Paulo, 2022.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2014.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução: Angela M. S. Córrea. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2017. p.01-39.

SANTOS, Tatiane Silva. **O corpo-fetichê: Representações da escritora Carolina Maria de Jesus no discurso jornalístico**. [Dissertação] USP- São Paulo. 2022.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.63-95.

SOUSA, Germanda Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário de uma escritora vira-lata**. Editora Horizonte. 2012.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade